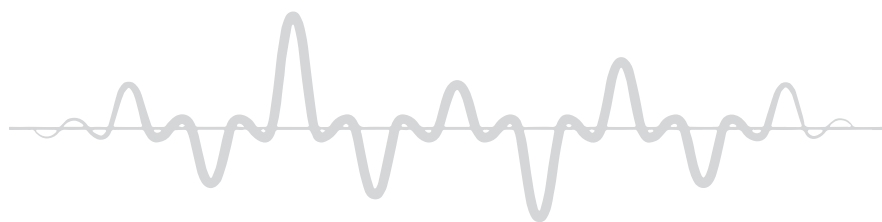


DIÁLOGOS  
EM ESTADO  
PURO



LOURENÇO DUTRA

EDITORIA PENALUX

Guaratinguetá, 2018



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

CAPA: Edson Fogaça

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

REVISÃO: Dayana Gomes

FOTO DO AUTOR: Tainá Colombo Dutra

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D978d DUTRA, Lourenço. –  
Diálogos em estado puro / Lourenço Dutra – Guaratinguetá, SP:  
Penalux, 2018.  
146 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-452-5

1. Contos I. Título.

CDD: xxxx

---

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

# CASTA

Todos reunidos na cozinha e ele tal qual um feitor, ia conferindo uniformes e fisionomias.

– Muito bem senhores, senhoras e senhoritas, estamos aqui nesta manhã de um sábado ensolarado para apararmos algumas arestas. O trabalho que vocês vêm realizando não anda dos melhores. Andam pecando em presteza e em qualidade. Hoje, converso com os senhores, senhoras e senhoritas. Na semana que vem, conversarei com os prestadores de serviço. Sim, claro, também preciso fiscalizar o trabalho deles. Na piscina, descobri no fundo algumas pedrinhas e alguns tufos de grama que não foram aspirados. O serviço de limpeza é pago no dia certo e o piscineiro me apronta essa. Também o cloro e a barrilha que ficam armazenados nos potinhos dispostos nas prateleiras do depósito, quantidade certa pra um mês, tem durado em média apenas duas semanas?! O que me dizem disso? O que acham? Posso responder? Posso? Eu sei, eu bem sei: Será que o rapaz anda roubando cloro e barrilha? – e encarou um a um os perfilados. – Será? O que os senhores, senhoras e senhoritas têm a dizer? Não me digam que são coniventes com isso, são? Por um acaso o piscineiro jovem, forte, de barriga tanquinho, anda, digamos, comendo alguma das senhoras ou senhoritas presentes? – dito isso todas as mulheres se entreolharam. – Como é mesmo o nome dele?

– Ralf, senhor, o nome dele é Ralf. – respondeu decidida a babá.

– Ralf, não é mesmo? – e o homem aproximou o seu rosto do rosto da jovem e a encarou. – E esse Ralf, por um acaso, não estaria se servindo deste corpo jovem, bonito e saudável?

– Isso é coisa minha, senhor.

– Isso é coisa sua? – ele riu admirado.

– Sim senhor, isso é coisa minha.

– Faz parte da sua privacidade, não é mesmo?

– Sim senhor, minha privacidade.

– E até os pobres tem direito a ela, não é mesmo? – ele se divertindo.

– Sim senhor, imagino que sim. – ela respondeu e ele fez silêncio por alguns segundos. Mediu-a de cima a baixo, esticou os braços e encaixou um botão do uniforme dela em uma das casas.

– Você é corajosa! Tenho admiração por mulheres corajosas. Elas sempre me lembram minha avó materna e a minha santa mãezinha, que Deus as tenha! – outras duas mulheres se entreolharam e sorriram com o canto da boca. – Mas vamos lá, continuemos. Sebastião, agora falemos sobre o seu serviço. – e um senhor de costas encurvadas, mãos calejadas e fisionomia sofrida abaixou a cabeça. – Meu prezado Sebastião, há anos e anos trabalhando nesta casa, não é mesmo?

– Sim senhor, trabalho aqui há mais de quinze anos.

– Há mais de quinze anos, Sebastião? Muito tempo, não é mesmo?

– Sim senhor.

– Sebastião, uma espécie de faz tudo: eletricista, carpinteiro e jardineiro. Não é mesmo?

– Sim, senhor.

– Sebastião que só não é piscineiro porque não sabe nadar e uma vez caiu na piscina e quase se afogou, confere?

– Sim senhor, tenho medo de água.

– Tem medo de água, não é mesmo? De chuveiro também?  
– e riu debochado.

– Não senhor. Tomo banho todos os dias. Tenho medo de rios, de córregos, de piscina, de mar.

– Sim, sim, de chuveiro não! Foi apenas uma brincadeira. Entendeu?

– Sim senhor, eu entendi.

– Inteligente esse Sebastião. – deu três tapinhas amistosas no ombro do faz tudo. – Sebastião, – continuou – na semana passada, descobri uma urtiga atrás da mangueira e tufos de mato já crescido nas laterais do deck que circunda a piscina. Você viu isso?

– Não senhor, não vi.

– Olha aqui – e sacou o celular do bolso e mostrou algumas fotos. – Viu agora?

– Sim senhor, eu vi. Peço desculpas.

– Desculpa não adianta, Sebastião! Você vai capinar novamente o terreno e retirar esse tufo de mato. Entendido?

– Sim senhor.

– ...e vai pegar o enxadeco e sacar fora aquela urtiga?

– Sim, senhor.

– E vai rastelar todas as folhas que caíram da mangueira e da jaqueira, ensacar e despachá-las para o lixeiro?

– Sim senhor, farei isso.

– Muito bem! Então estamos combinados e acertados, heim, ó Sebastião?

– Estamos, senhor.

– Muito bem! Agora passemos para o Raimundo. Raimundo, tudo bem?

– Tudo bem, senhor.

– Mas não está não, Raimundo! E você sabe por quê?

– Não, senhor.

– Porque você que é motorista de confiança há mais de cinco anos com bons antecedentes, sempre simpático, disponível e

prestativo e tudo o mais, recebeu duas multas neste mês, agora. Uma por excesso de velocidade e outra por estacionamento em lugar proibido.

– ...mas senhor...

– Nem mas nem mais nem menos! Sabe quem vai pagar essas multas? Sabe quem é, ó prestativo, risonho e disponível, Raimundo? Você! Elas serão descontadas do seu salário e...

– ...mas senhor...

– ...e não adianta chiar. Está decidido e pronto! Você foi avisado e no mês que vem o desconto será feito. Entendeu?

– Entendi, senhor, mas acho injusto porque...

– Injusto? Você acha injusto?

– Me desculpa senhor, mas sim, eu acho. Me pediram para estacionar em lugar proibido e me obrigaram a andar acima do limite de velocidade.

– Te obrigaram? Quem te obrigou? Os teus pés que são independentes das ordens enviadas pelo teu cérebro?

– Não senhor. A Jéssica me obrigou.

– A Jéssica?

– Sim senhor, a Jéssica. Num dia ela estava atrasada pra aula de Inglês e pediu que eu pisasse fundo. No outro me ordenou que estacionasse fora do clube e a esperasse sair.

– A Jessica fez isso?

– Sim senhor, ela fez.

– Bem, então vou falar com ela e ver o que faço sobre as multas que você recebeu. Quem sabe não consigo justificá-las, não é mesmo?!

– Obrigado, senhor.

– Não precisa agradecer risonho, prestativo e simpático, Raimundo! Agora vamos com você, Idalina. Idalina?

– Sinhô?

– Há quantos anos você trabalha nesta casa?

– Sinhô, a menina Jéssica era novinha e devia ter uns três anos.

– E agora a Jéssica é uma moça, não é mesmo? Está quase terminando o Ensino Médio, não é fato?

– Sim sinhô.

– Sabe Idalina, o problema é a sua comida que ninguém aguenta mais. Você faz o mesmo cardápio há mais de quinze anos e isso enjoa, sabia? – e sorriu, ajeitou a touca na cabeça dela e a senhora abaixou a cabeça e começou a tremer. – Idalina!

– Sinhô... – num fiapo de voz.

– Que tal você ler alguns livros de receitas, que tal mudar um pouco esse cardápio de bife acebolado, batata frita, arroz e feijão? Que tal se esquecer do estrogonofe de frango e da batata palha?

– Sinhô, não sei ler nem escrever.

– Jura? Analfabeta? Quer dizer que a Idalina é analfabeta?

– Sim, sinhô.

– De pai, mãe, avós, irmãos, todo mundo! Confere, Idalina?

– Não sinhô, meu irmão mais novo se formou.

– Se formou, Idalina? Se formou em quê?

– Ele é professô, sinhô.

– Professor, Idalina?! Ele não é engenheiro, nem juiz, nem cientista, não é mesmo? Ele é professor!

– Sim sinhô, se formou e deu muito orgulho pra nossa família.

– Muito orgulho, Idalina?! Orgulho por ter um professor na família? É isso mesmo?

– Sim sinhô, muito orgulho! Foi o primeiro a se formar.

– Formou-se professor... professor de quê, Idalina?

– De Matemática.

– De Matemática... Pensamento cartesiano, exato. Cálculos, equações, potenciações. Contas, muitas contas, não é mesmo?

– Se o sinhô diz...

– Sim, muito bem, Idalina, é isso o que eu digo. Então calcule o seu futuro. Mensure o quanto você quer continuar trabalhando por aqui, nesta casa. Entendeu?

– Mais ou menos, sinhô.

- Mais ou menos, Idalina?
- Mais ou menos, sinhô.
- Idalina, Idalina... – e novamente mexeu na touca que cobria toda a cabeça dela. – Alguém faça o favor de explicar pra Idalina o que acabei de falar, o que acabei de deixar a entender. Pode ser? Quem se habilita?
- Depois eu conversarei com ela senhor, pode deixar. – completou a babá.
- Ah, a juventude! Sempre procurando corrigir e amenizar as injustiças do mundo. Tudo bem, depois você conversa com ela. Agora quero falar com você, Luzia. – e virou-se para uma moça baixinha, de cabelos curtos, boca carnuda e olhar insolente.
- Sim?
- Você se ocupa da casa, não é mesmo? Se ocupa em lavar e pendurar a roupa no varal, limpar banheiros, varrer e lavar o chão e tirar o pó dos móveis. Confere?
- Confere.
- E por que não vem executando essas tarefas de maneira satisfatória?
- O que está faltando?
- O que está faltando? Meu Deus, que criatura petulante! Te digo o que está faltando.
- Diga, então.
- Digo, digo, digo sim sua pobretona petulante e mal-educada. Móveis com pó mal tirado, camas mal arrumadas, lençóis malpassados, roupas lavadas com pouco ou nenhum uso de amaciante. Todas endurecidas e sem cheirinho de limpeza. Chão que não brilha e não mais reflete a imagem de quem o pisa.
- Nossa! Me esforço tanto! – e fez um muxoxo debochado e os outros riram.
- Se esforço tanto, não é sua petulante? Gosta de um deboche, não é mesmo? Falemos então dos banheiros. Outro dia,



surpreendi um ralo do banheiro com um tufo enorme de cabelos. Você não limpa o box e as banheiras?

– Limpo, claro que limpo!

– Então, me diga como este tufo apareceu?

– A Jéssica trouxe o namoradinho dela pra estudar e os dois se trancaram no quarto e eu ouvi uns gemidos, uns susurros e sei que os dois transaram debaixo do chuveiro. Acho que foi meio selvagem o negócio. Ela arrancou cabelo dele e ele puxou os cabelos dela. Daí, os tufos apareceram. E olha, eu havia limpado e esfregado muito esse ralo pela manhã.

– Que história é essa, se metendo na privacidade da Jéssica.

– Não estou me metendo. Só estou relatando o que acho que rolou.

– O que você acha que rolou? Meu Deus do céu, de onde saem essas criaturas. Rolou do verbo rolar. É isso? Com um vocabulário desses, que mal te pergunte, você estuda?

– Bem, não é da sua conta, mas vou te dizer. Sim, eu estudo! Estou terminando o Ensino Médio. Faço supletivo à noite numa escola pública perto da minha casa.

– Não é da minha conta, é?

– Sim senhor, não é da tua conta! Se estudo ou não, se transo com homem, mulher ou com os dois, se sou crente ou católica ou se não frequento igreja, nem acredito em Deus, só diz respeito à mim.

– Sua petulante mal educada! – e investiu com o dedo em riste em direção a ela, quando um homem entrou na cozinha.

– O que está acontecendo aqui, Zé? Você está brigando com essa mocinha? – perguntou divertido.

– Bom dia senhor! Não, ela é um pouco desafortada e eu estava tentando colocá-la no seu lugar.

– No meu lugar? – continuou divertido.

– Não senhor, no lugar dela!

---

Este livro foi composto em Sabon LT Std  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
pólen bold 90 g/m<sup>2</sup>, em dezembro de 2018.

---